

A ARTE SACRA E A LITURGIA

Prof. Gabriel Frade*

RESUMO

O presente artigo faz considerações sobre a situação da arte sacra contemporânea no Brasil e suas relações com a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, constatando a necessidade de um aprofundamento nessas relações, para que haja uma maior interação entre esses dois campos.

Palavras-chave: *Arte sacra, liturgia, arte contemporânea, Igreja.*

ABSTRACT

This article raises questions about the state of contemporary religious art in Brazil and its relations with the liturgical reform of Vatican II, noting the need for deepening these relations, so that there is greater interaction between these two fields.

Keywords: *Religious art, liturgy, contemporary art, Church.*

INTRODUÇÃO

Com este artigo, nos propomos analisar de maneira breve a questão da arte sacra, de modo particular suas manifestações no Brasil contemporâneo e especialmente no que diz respeito aos desafios inerentes à apreciação e valorização da arte a serviço da liturgia.

Em todo o arco de sua história, a Igreja sempre nutriu grande interesse pelas artes,¹ principalmente na medida em que estas, sob inspiração

* Mestre em Liturgia pela PUC-SP. Professor no mosteiro de São Bento (SP); também Professor no curso de Arte Sacra ministrado no Museu de Arte Sacra de São Paulo; e autor de artigos e livros sobre a liturgia e a arte sacra.

¹ “Entre as mais nobres atividades do espírito humano estão, de pleno direito, as belas artes, e muito especialmente a arte religiosa e o seu mais alto cimo, que é a arte sacra. Elas tendem, por natureza, a exprimir de algum modo, nas obras saídas das mãos do homem, a infinita beleza de Deus, e estarão mais orientadas para o louvor e glória de Deus se não tiverem outro fim senão o de conduzir piamente e o mais eficazmente possível, através das suas obras, o espírito do homem até Deus. É esta a razão por que a santa mãe Igreja amou sempre as belas artes, formou artistas e nunca deixou de procurar o contributo delas, procurando que os objetos atinentes ao culto fossem dignos, decorosos e

cristã, souberam exprimir e testemunhar a fé no Ressuscitado para os fieis de todos os tempos.² Já ao final da era patrística, o Papa Gregório Magno (540-604 d.C.) enfatizava a importância da arte cristã e de todo o seu valor pedagógico na sintética expressão *Biblia pauperum* (a bíblia dos pobres). De fato, durante a crise iconoclasta,³ o papa Gregório soube de modo bastante sereno estabelecer os limites e o sentido verdadeiro da arte no cristianismo: “uma coisa é adorar uma pintura, outra é aprender, a partir de uma cena representada numa pintura, o que adorar”.⁴

Recentemente o magistério dos Papas, e mesmo aquele do Concílio Vaticano II, fez grandes reflexões sobre a importância e a oportunidade de incrementar e apoiar a arte cristã nas suas mais variadas formas.⁵

Momento emblemático dessa preocupação eclesial contemporânea pode ser visto particularmente na criação da então *Pontifícia Comissão para a Conservação do Patrimônio Artístico e Histórico da Igreja*.⁶ Com a constituição

belos, verdadeiros sinais e símbolos do sobrenatural”. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium Sobre a Sagrada Liturgia*, n. 122, (4 de Dezembro de 1963). AAS 56 (1964): 97-144.

² “Os artistas de todo tempo ofereceram para a contemplação e para o estupor dos fiéis os fatos salientes do mistério da salvação, apresentando-os no esplendor da cor e na perfeição da beleza”. COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 5.

³ A iconoclastia – do grego *eikon*, imagem e *klastein*, quebrar – foi um movimento com caráter político-religioso que se opôs à veneração das imagens. Em origem, surge na Igreja Oriental na época do império bizantino e suas discussões perdurarão por cerca de um século (do século VIII ao IX, aproximadamente).

⁴ Citado in VERDON, Timothy. *L'Arte nella vita della Chiesa*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2009, p. 09.

⁵ A título de exemplo, veja-se: PIO X, Motu Próprio *Tra Le Sollicitudini*, ASS 36 [1903], 531s.; PIO XII, Encíclica *Mediator Dei*, ver especialmente os nn. 50, 98, 173, 174, 179 e 181, 1947; AAS 39 [1947] 521-95; CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Sacrosanctum concilium*, n. 129 e 122-128. Veja-se também *Gaudium et spes*, nn. 53-62 e *Mensagens do Concílio à Humanidade* (8/12/1965: AAS 58 [1966] 1) e *aos artistas* (8 de Dezembro de 1965: AAS 58[1966], 13.20); PAULO VI, *Homilia por ocasião da Missa dos Artistas na Capela Sistina*, Roma, 07 de maio de 1964, In: *Insegnamenti* II, [1964], 313; JOÃO PAULO II, *Carta aos Artistas*, 1. AAS 91 [1999], 1155. Finalmente, a mais recente intervenção por parte do papa Bento XVI: BENTO XVI, *Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro com os artistas na Capela Sistina*, 21/11/2009, disponível em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2009/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20091121_artisti_po.html

⁶ JOÃO PAULO II, *Constituição Apostólica Pastor Bonus*, AAS 80 [1988], 914-915. Em 25 de março de 1993, através do Motu próprio *Inde a Pontificatus Nostri initio*, de 25 de março de 1993 (Cf. *L'Osservatore Romano* de 5 de maio de 1993, pp. 1 e 5), essa Comissão Pontifícia assumiu a atual nomenclatura de “*Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja*”.

de um órgão na cúria romana, destinado especificamente para o cuidado do patrimônio,⁷ a Igreja do século XXI deu um passo na consolidação da *via pulchritudinis*⁸ como um instrumento válido para a evangelização do homem e das culturas hodiernas.

1. ARTE SACRA NO BRASIL

Apesar dos avanços inegáveis em matéria de arte sacra, não podemos deixar de constatar, principalmente no âmbito nacional, as carências e as lacunas ainda vigentes especialmente no que tange ao cenário eclesial nacional: a má conservação e, em alguns casos, a depredação do patrimônio histórico, artístico e religioso; a construção de igrejas que apresentam uma planta sem funcionalidade adequada para o culto e sem grandes qualidades plásticas e artísticas; a profusão de arte *kitsch* e de cópias de baixa qualidade nas pinturas e na estatuária, em detrimento de uma verdadeira arte sacra; o desconhecimento generalizado dos valores da arte e de sua linguagem etc.

Essas deficiências, presentes em um número considerável de igrejas contemporâneas, denotam um problema muito mais amplo e que pode se revestir de contornos preocupantes se considerarmos o valor e o apreço que a Igreja Católica sempre dedicou às artes. Basta lembrar que no Brasil, da totalidade da arte do período colonial, em grande medida, as maiores expressões são da Igreja católica. De fato, a arte barroca do Brasil colônia ainda hoje exerce um grande fascínio nos fieis em geral e revela, por outro lado, a grande dificuldade de se encontrar uma linguagem artística contemporânea que traduza adequadamente os conteúdos da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II.⁹

⁷ JOÃO PAULO II, Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, nn. 99-104.

⁸ O caminho da beleza. Esse é o título do documento final elaborado pela Assembleia plenária do Pontifício Conselho para a Cultura, ocorrida nos dias 27 e 28 de março de 2006. O texto, publicado em português pela Edições Loyola, está disponível no site do vaticano - http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultur/documents/rc_pc_cultur_doc_20060327_plenary-assembly_final-document_it.html - e trata da necessidade de resposta por parte da Igreja ao desafio da evangelização da cultura. Como diz o documento, a resposta a esse desafio deve ser encontrada na "*via pulchritudinis*", no caminho da beleza.

⁹ Se é verdade que o barroco ainda exerce seu fascínio, não há como deixar de citar aqui artistas sacros contemporâneos que procuraram traduzir em suas obras o espírito da renovação litúrgica do Vaticano II. Nomes como os de Cláudio Pastro (Pintura e escultura),

Talvez essa dificuldade em encontrar uma linguagem adequada para a arte sacra contemporânea revele problemas muito mais amplos. Problemas que provavelmente tem sua raiz numa relação ainda deficitária entre o povo de Deus e a liturgia. Malgrado os quase cinquenta anos da promulgação Constituição sobre a Sagrada Liturgia, do Concílio Vaticano II, o ideal conciliar da “participação ativa” dos fieis ainda continua distante em certas paróquias brasileiras. Valorizar a arte sacra contemporânea, à luz dos princípios estipulados pelo magistério conciliar e pós-conciliar é um modo seguro de valorizar a própria liturgia, já que há uma relação intrínseca entre arte e fé celebrada.¹⁰

2. ARTE SACRA PARA QUÊ?

Certamente existem várias causas que podem ajudar a explicar o desnível existente atualmente na Igreja do Brasil no que tange a arte sacra contemporânea. Do ponto de vista das causas *extraeclesiais*, há que se considerar, por exemplo, o problema do sistema educacional brasileiro, o qual apresenta grandes lacunas no quesito da introdução dos alunos às artes em geral. Também o fator econômico de algum modo colaborou para com certo embotamento na apreciação da arte, já que décadas de implementação de modelos econômicos equivocados levaram ao constante empobrecimento da sociedade brasileira e condicionaram a população em geral a desenvolver preocupações outras.

Para as causas *intraeclesiais*, deve-se levar em consideração que as manifestações do magistério latino americano, o qual através dos documentos emanados pelas Conferências Episcopais latino-americanas, embora afirmem o valor das artes e sua importância – na linha do Concílio Vaticano II, portanto – põem ênfase nos grandes problemas que as circunstâncias históricas impunham.¹¹ Sem dúvida, o momento histórico do continente latino americano, marcado por regimes políticos ditatoriais e por pobreza extremada,

Marco Aurélio Funchal (arquitetura e pintura), Padre José Weber (música), Frei Joaquim Fonseca (música), Irmã Laíde Sonda (arquitetura e pintura) e tantos outros, mostram que está em ato uma obra de tradução artística da liturgia renovada.

¹⁰ JOÃO PAULO II, *Carta aos Artistas*, (4 de Abril de 1999), 1: AAS 91 (1999), 1155; disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists_po.html Cf.: n. 12 e 13.

¹¹ Será o caso, principalmente, dos documentos de Medellín e Puebla.

levou a Igreja, com razão, a adotar uma postura mais preocupada com a política e as questões sociais.

Nesse sentido, o surgimento da teologia da libertação correspondeu à necessidade do momento histórico e forneceu contribuições válidas para um cristianismo mais preocupado com o próximo. Há que se considerar também, que a teologia da libertação buscou uma arte que traduzisse as aspirações de uma Igreja da opção preferencial pelos pobres. As pinturas e esculturas que tiveram muitas vezes o Cristo inculturado e rodeado por camponeses e operários foram temas recorrentes nessa arte que buscou exprimir o conceito da libertação dentro do campo católico cristão.

Ao considerarmos este fato, podemos afirmar que a teologia da libertação, considerada a partir de seus teóricos mais emblemáticos, não desprezou o uso das artes para veicular o conceito da libertação e da vida espiritual. Apesar disso, livres interpretações, feitas por alguns expoentes locais, creram que a teologia da libertação individuava nas artes um elemento da dominação das elites, motivo pelo qual estas foram percebidas em muitos ambientes eclesiais como algo acessório, como coisa dispensável. A partir dessa constatação, poderíamos falar de certo iconoclasmo presente também nessas interpretações da teologia da libertação.

3. ARTE SACRA E LITURGIA

Apesar das dificuldades acima elencadas, hoje constatamos um grande despertar sobre a temática da arte sacra. Seminários, cursos, oficinas: cada vez mais se faz presente uma preocupação por parte de um número crescente de pessoas sobre a arte sacra em seus mais variados campos. Esse despertar coincide justamente com as comemorações dos cinquenta anos da abertura do Concílio Vaticano II, concílio de grande importância para a história da Igreja contemporânea, o qual, dentre tantas preocupações, deixou uma marca indelével na liturgia da Igreja ao propor uma reforma de caráter profundo não somente no conjunto das cerimônias da Igreja, como também na própria compreensão da liturgia.

Há cinquenta anos de distância do evento conciliar que resultou na proclamação da *Sacrosanctum Concilium*, a Constituição do concílio sobre a liturgia, nos encontramos ainda diante do processo de recepção e assimilação da reforma litúrgica. Apesar das mudanças havidas nos ritos

e cerimônias com a promulgação das edições típicas dos livros litúrgicos, em nossa modesta opinião, de um ponto de vista mais geral, ainda não se colheu o sentido mais profundo dessas mudanças. Apesar de inegáveis avanços, certas afirmações conciliares, como por exemplo, sobre a natureza da liturgia¹² e sobre a participação ativa dos fieis,¹³ ainda não foram totalmente compreendidas. A reforma litúrgica do Vaticano II, muito mais do que mudanças rituais, implica numa nova mentalidade, numa mudança radical da antiga compreensão da liturgia como algo externo, para uma liturgia participada que envolva a totalidade da vida dos fieis.

A não compreensão dessa necessidade de mudança de mentalidade é observável em boa medida através da práxis celebrativa das paróquias em geral:

Para muitos fiéis, a liturgia é um fato cerimonial que diz respeito apenas ao clero; para esses, os ritos ainda carecem de um sentido mais profundo e que encontre eco em suas vidas. A consequência disso é a forte dicotomia entre a vida prática do dia a dia e a vida litúrgica.

Por outro lado, há também uma grande dificuldade por parte dos ministros – ordenados e não ordenados – em desenvolver uma catequese litúrgica adequada que possa introduzir os fiéis em geral no caráter místico da celebração, de modo que estes possam se reconhecer como sujeitos participantes da ação litúrgica, como celebrantes.

Curiosamente, essa dificuldade é amplamente percebida também no campo das artes: ainda se verifica em nossas igrejas uma abundância de arte religiosa, por vezes de má qualidade, e que objetiva alimentar apenas as devoções de nosso povo. Não que a arte devocional seja um problema em si, mas em muitos casos, não se percebe a necessidade de uma arte sacra, que traduza através de cores, sons e volumes o mistério presente na ação litúrgica. Não se atentou ainda suficientemente para o caráter sacramental da arte sacra e do espaço sagrado.

¹² Veja-se o capítulo I da Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC).

¹³ Cf.: Especialmente a SC nos nn. 11; 14; 19; 48; 79; 113. Em relação à participação dos fieis na liturgia e sua relação com a arte sacra veja-se os nn. 121 e 124.

CONCLUSÃO

Olhando para a Igreja antiga, principalmente pelo conjunto de obras que foi legado pela patrística, é perceptível a síntese que a Igreja antiga soube fazer entre vida, catequese e celebração. Síntese que tocou também o campo da arte sacra.

Como se sabe, infelizmente no Brasil não existem exemplos de igrejas dos primeiros séculos do cristianismo. Para vislumbrarmos o desenvolvimento orgânico entre liturgia, vida e arte sacra na Igreja antiga, seria necessário viajar para aquelas localidades que por primeiro conheceram o cristianismo. Um bom exemplo dessa síntese, a título ilustrativo, seria visitar a igreja de Santo Apolinário novo,¹⁴ situada na cidade de Ravena, na Itália setentrional.

Podemos apenas imaginar a sensação da assembleia litúrgica ali reunida em tempos antigos para celebrar a eucaristia: ao contemplar seus mosaicos, essa assembleia tinha a visão plástica daquilo que celebrava. O presidente ao entoar as palavras do prefácio “*com os anjos e os santos cantamos a uma só voz*”, toda a assembleia via, de certo modo, a concreção dessas palavras nos mosaicos parietais da igreja, onde está representada a solene procissão dos mártires em direção ao Cristo Senhor da história. Os membros da Igreja que estão já na glória - isto é, a procissão dos mártires representada nos mosaicos das paredes da igreja - se fazem presentes, em comunhão plena com os membros da Igreja que ainda se encontra no tempo e no espaço dos homens ao celebrar a eucaristia no seu *hodie*.

Ainda num nível superior, os mesmos fiéis podiam seguir também o ciclo do ano litúrgico, ao verem representados nesses mesmos mosaicos as cenas dos evangelhos proclamados na quaresma.¹⁵ Dominando toda a cena está a imagem do Cristo, para onde converge toda a vida do cristão.

Essa síntese entre arte e liturgia ofertada pela Igreja antiga é um exemplo de fundamental importância para a Igreja hodierna: a recuperação de elementos da beleza da liturgia e da arte, podem de fato chegar ao

¹⁴ Para ter acesso às imagens desta igreja, basta consultar os bancos de imagens disponíveis na web através de alguma ferramenta de busca de imagens na internet. Para um maior número de imagens recomendamos inserir o nome italiano “Santo Apollinare Nuovo”.

¹⁵ São os evangelhos que ainda hoje são proclamados por ocasião do Ano A e que retomam o tema da preparação dos catecúmenos, isto é, daqueles que se preparavam para receber o batismo na solene Vigília Pascal.

coração do homem contemporâneo e ajudá-lo a fazer uma experiência mais qualificada do mistério pascal do Senhor.

BIBLIOGRAFIA

FRADE, Gabriel. *Arquitetura Sagrada no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2007.

PLAZAOLA, Juan. *El arte sacro actual*. Madrid: BAC, 2006.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A CULTURA. *Via Pulchritudinis*. São Paulo: Loyola, 2007.

VERDON, Timothy. *L'Arte nella vita della Chiesa*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2009.